GUERRA NO LESTE EUROPEU

Brendan Smialowski/AFP

Todos os olhares sobre o Alasca

Presidentes Vladimir Putin e Donald Trump se reúnem em Anchorage, capital do estado americano, para tentar avançar em um acordo de cessar-fogo na Ucrânia. Republicano admite necessidade de nova cúpula com a participação de Zelensky

» RODRIGO CRAVEIRO

Talvez Anchorage nunca tenha recebido um evento tão importante, atraindo todos os olhares do mundo. Com 289 mil habitantes, a capital do Alasca respira um encontro que pode, ao menos, começar a definir os rumos da guerra na Ucrânia. Em meio ao ceticismo de analistas e da União Europeia (UE), os presidentes Donald Trump (EUA) e Vladimir Putin (Rússia) esperam progredir em um acordo de cessar-fogo e encerrar um conflito que chega hoje a 1.268 dias. O líder americano, que escolheu deixar Volodymyr Zelensky de fora, tentou suavizar o peso da ausência e acenou com a participação do ucraniano em uma segunda reunião tripartite, ainda sem data marcada.

Em entrevista à emissora Fox News Radio, o republicano anunciou que a cúpula com Putin "prepara a segunda reunião, mas há 25% de chance de que (...) não seja bem-sucedida". Como Trump chegou a esse índice, é uma incógnita. Trump declarou que não se deixará intimidar por Putin. Chefes de Estado e de governo europeus expressaram o temor de que os titulares da Casa Branca e do Kremlin redesenhem as fronteiras da Ucrânia.

"A segunda reunião será muito, muito importante, porque será um encontro onde será alcançado um acordo. E não quero usar a palavra 'repartir' as coisas. Mas, vocês sabem, até certo ponto, não é um termo ruim, porque serão discutidas fronteiras e territórios", confirmou Trump. "Sou o presidente, e ele (Putin) não vai brincar comigo. Saberei nos primeiros dois, três, quatro ou cinco minutos (...) se vamos ter uma reunião boa ou ruim", acrescentou. O secretário de Estado americano, Marco Rubio, classificou como primordial que os dois presidentes discutam "garantias de segurança" para o fim do conflito.

"Na minha opinião, a atual administração americana faz esforços bastante enérgicos e sinceros para encerrar as hostilidades e chegar a acordos que sejam do interesse de todas as partes envolvidas neste conflito", disse, por sua vez, Putin, antes de viajar para o Alasca.

> **A atual administração americana faz esforços bastante enérgicos e sinceros para encerrar as hostilidades e chegar a acordos que sejam do interesse de todas as partes"**
>
> ***Vladimir Putin,*** *presidente da Rússia*

> **Sou o presidente, e ele (Putin) não vai brincar comigo. Saberei nos primeiros dois, três, quatro ou cinco minutos (...) se vamos ter uma reunião boa ou ruim"**
>
> ***Donald Trump,*** *presidente dos Estados Unidos*

Drew Angerer/AFP

Vista aérea do centro de Anchorage, com as Montanhas Chugach ao fundo: futuro da Ucrânia será discutido em base militar americana

O encontro de hoje ocorrerá na base aérea americana de Elmendorf-Richardson, nos arredores de Anchorage. A Rússia atacou unilateralmente e invadiu a Ucrânia, ex-república da União Soviética, em 24 de fevereiro de 2022. Desde então, a guerra deixou dezenas de milhares de civis e militares mortos de ambos os lados.

Expectativa

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev disse ao **Correio** que Trump tenta criar alguma expectativa em relação à cúpula com Putin, ao citar os 25% de chance de fracasso. "Ele sabe que Putin provou ser um parceiro de negociação não confiável. Suspeito que a Ucrânia tem tudo para temer esse encontro, se considerar que o sucesso, para Trump, deve ser construído às custas dos ucranianos, principalmente no que diz respeito à soberania e à segurança", afirmou. "Eu não acredito que Zelensky, Putin e Trump possam sentar à mesa, juntos, se o russo insistir em que a Ucrânia precisa abandonar territórios adicionais, se desarmar e desistir das ambições de se aliar à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Isso, essencialmente, seria assinar a capitulação."

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kiev-Mohyla, admitiu à reportagem que o encontro de hoje será marcado pela imprevisibilidade. "Em grande parte, o que ocorrer dependerá de Trump. Ele poderá mostrar-se mais alinhado à Rússia, o que seria realmente ruim. Mas também colocar mais pressão sobre Putin, ainda que não saibamos a extensão. Do resultado da reunião no Alascara, saberemos sobre a viabilidade de um encontro tripartite entre Trump, Putin e Zelensky."

Para Haran, se Trump utilizar a nova possível cúpula para forçar Puitin a concluir um cessar-fogo, é provável que tenha sucesso. "Se ele e Putin exigirem mudanças no território ucraniano, seria péssimo. Caso Washington se alinhe a Moscou, não acho que teremos um segundo encontro produtivo."

ESTADOS UNIDOS

Casa Branca quer eliminar "narrativas partidárias" de museus

Uma diretiva da Casa Branca que mira 19 dos principais museus de Washington D.C. causou preocupação e assombro em historiadores americanos. Sob a justificativa de "eliminar as narrativas divisórias ou partidárias", o governo Donald Trump determinou uma revisão das exibições dos estabelecimentos do complexo Smithsonian para assegurar o "alinhamento" com a visão de país defendida pelo presidente Donald Trump. Publicada na quarta-feira no site da Casa Branca, uma carta assinada por Lindsey Halligan, Vince Haley e Russell Vought — assistentes de Trump — explicou que, com a aproximação do 250º aniversário de fundação dos Estados Unidos, "é mais importante do que nunca que nossos museus reflitam a unidade, o progresso e os valores duradouros que definem a história americana".

"Nesse espírito, e em conformidade com a Ordem Executiva 14253, 'Restaurando a verdade e a sanidade da história americana', nós conduziremos uma revisão interna abrangente de museus e exposições selecionados do Smithsonian", afirma a mensagem, dirigida a Lonnie G. Bunch III, secretário da Instituição Smithsonian. "Esta iniciativa visa garantir o alinhamento com a diretriz do Presidente de celebrar o excepcionalismo americano, eliminar narrativas divisionistas ou partidárias e restaurar a confiança em nossas instituições culturais compartilhadas." A revisão pretende manter foco em cinco áreas-chave: conteúdo público, processo curatorial, planejamento de exposição, uso do acervo e padrões narrativos. A etapa inicial da revisão contemplará oito museus do complexo Smithsonian: Museu Nacional de História Americana; Museu Nacional de História Natural; Museu Nacional de História e Cultura Africana; Museu Nacional do Índio Americano; Museu Nacional do Ar e do Espaço; Museu Smithsonian de Arte Americana; Galeria de Retratos Nacionais; e Museu Hirshhorn e Jardim de Esculturas. Mais museus serão adicionados em uma segunda etapa.

Win McNamee/AFP

Museu de História Natural Americana Smithsonian: na mira do governo

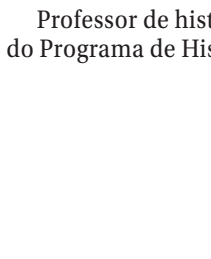
"Emergência cultural"

Professor de história e diretor do Programa de História Pública da Universidade de Massachusetts Amherst, Samuel J. Redman advertiu ao **Correio** que os Estados Unidos enfrentam uma "emergência cultural". "Considero a diretiva de Trump uma perigosa intervenção política em um processo, antes independente, por trás da pesquisa e do ensino sobre história e ciência no maior complexo de museus da nossa nação. Embora certas características-chave do Smithsonian tenham a intenção razoável de inspirar os visitantes, muitas outras exposições lançam um olhar crítico sobre os capítulos mais sombrios da história do nosso país", explicou. Segundo ele, o Museu Nacional do Índio Americano não se esquiva dos muitos tratados assinados violados pelo governo federal; nem o Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana ignora a reação ao moderno Movimento pelos Direitos Civis.

"Para entender completamente a história do nosso país, os visitantes do Smithsonian e de outros museus devem conhecer toda a história americana", destacou Redman. O especialista teme que a pressão sobre os museus para darem ênfase a certos conteúdos, combinado com a forte tendência de celebrações patrióticas em torno de grandes aniversários, significa que os americanos e os visitantes estrangeiros provavelmente encontrarão um panorama limitado e enganoso de como os EUA surgiram, nos próximos anos. (**Rodrigo Craveiro**)

Eu acho...

Arquivo pessoal



"As consequências da diretiva de Trump serão de longo alcance. Não só o Smithsonian está sob pressão direta para enfatizar certos tipos de histórias e minimizar outras, como muitas outras organizações culturais estão tomando nota. A Casa Branca — por meio de sua influência sobre agências, como o National Endowment for the Humanities e o National Park Service — deixou clara sua intenção de eliminar histórias mais críticas de exposições públicas, projetos de financiamento e outras programações."

Samuel J. Redman, professor de história e diretor do Programa de História Pública da Universidade de Massachusetts Amherst